

Assimetria do Quadro Vocálico em Contexto Postônico Não Final: Aspectos Diacrônicos e Realidades Sincrônicas

THE ASSIMETRY OF THE VOCALIC FRAMEWORK IN NON-FINAL
POST-TONIC CONTEXT: DIACHRONIC ASPECTS AND SYNCHRONIC REALITIES

Alessandra **DE PAULA***
Silvia Figueiredo **BRANDÃO****

Resumo: Neste artigo, discute-se o quadro vocálico em sílaba postônica não final, partindo da proposta assimétrica de Câmara Jr (1970) – que, nesse contexto, postula a ocorrência, de quatro fonemas – e levando em conta, ainda, a proposta de Bisol (2003), segundo a qual, nele se implementaria um sistema ora de cinco ora de três vogais, típicos, respectivamente, dos contextos pretônico e postônico final. Busca-se não só evidenciar que a assimetria (a instabilidade) do contexto postônico não final pode ser observada em outros estágios do Português, mas também que ele ainda vigora no âmbito da fala culta carioca. Para tanto, recorre-se a trabalhos que focalizam o vocalismo do ponto de vista histórico; expõem-se os resultados de pesquisa desenvolvida segundo a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, com base em *corpora* representativos das variedades culta e popular da fala da cidade do Rio de Janeiro e comentam-se estudos sobre o tema no âmbito de outros dialetos brasileiros. Ao final, indicam-se os diferentes fatores que parecem atuar para a variação das médias nesse contexto.

Palavras-Chave: Vogais médias postônicas não finais. Alteamento. Variação.

* Mestre em Letras Vernáculas (UFRJ, 2010). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Contato: anelassard@gmail.com.

** Doutora em Letras Vernáculas (UFRJ, 1988). Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Pesquisadora do CNPq. Contato: silvia.brandao@terra.com.br.

Abstract: In this article, we discuss the vocalic framework in non-final post-tonic syllable taking as starting point Câmara Jr asymmetry proposal (1970) – that postulates the occurrence of four phonemes – and also taking into account what has been proposed by Bisol (2003), according to which, in this context, can be implemented either the system of five vowels, or the one of three, typical, respectively, of the pretonic and final post-tonic positions. We aim not only show that the asymmetry (instability) in non-final post-tonic context can be seen in other stages of the Portuguese, but it still stands under cultivated speech in Rio de Janeiro city. To do so, we refer to works that focus on the vocalism of the historical point of view, we expose the results of researches following the assumptions of Variationist Sociolinguistics based on representative *corpora* of the educated and not educated speech of Rio de Janeiro city and we comment studies on the subject under other Brazilian dialects. At the end, we indicate the different factors that seem to act for the variation of mid vowels in this context.

Key-Words: Non-final post-stressed mid vowels. Raising. Variation.

Introdução

Muitos estudos já foram realizados sobre o quadro vocálico, desde que Nascentes (1953) propôs uma divisão do Brasil em áreas linguísticas com base nas diferentes concretizações das vogais médias pretônicas. No entanto, também o contexto postônico não final, embora pouco focalizado, apresenta particularidades que vêm gerando diferentes interpretações.

Câmara Jr (1970), para quem, nas posições átonas, haveria um processo gradativo de neutralização que culminaria na funcionalidade de apenas três dos sete fonemas na última posição do vocábulo, afirma que, em contexto postônico não final, atuariam quatro segmentos – /i E a U/ –, o que caracterizaria, na visão de Bisol (2003), uma situação assimétrica, não natural, motivo que a levou a postular que, nessa posição, ora se implementariam cinco vogais – /i e a o u/ –, ora três – /i a u/ –, típicas, respectivamente, dos contextos pretônico e postônico final. A proposta de Câmara Jr, pautada na observação da fala culta carioca, parte, portanto, do princípio, de que, em contexto postônico não final, a série anterior não teria sofrido a drástica redução verificada na série posterior.

Neste estudo, objetiva-se evidenciar que a assimetria (a instabilidade) do contexto postônico não final pode ser observada em outros estágios do Português e ainda vigora na fala culta carioca e em outros falares brasileiros. Para tanto, recorre-se a trabalhos que focalizam o vocalismo do ponto de vista histórico (seção 1); expõem-se os resultados de pesquisa desenvolvida segundo os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, com base em *corpora* representativos das variedades culta e popular da fala da cidade do Rio de Janeiro (seção 2.1) e comentam-se estudos sobre o tema relativos a outras áreas do país (seção 2.2).

1 Evidências Históricas

Observar estágios anteriores da atuação do alteamento das vogais médias em contexto postônico não final pode ajudar a compreender, levando-se em conta a perspectiva mattosiana, a assimetria entre a neutralização no âmbito das vogais anteriores e no das posteriores no Português do Brasil (PB). A observação de outras fases do português pode mostrar se o processo já ocorria em Portugal ou se iniciou no Brasil, em fases posteriores. Tal investigação pode, ainda, contribuir para delimitar as atuais diferenças entre o PB e o Português Europeu (PE), no que tange à realização das vogais médias nessa posição.

Teysier (1966) e Carvalho (1969), com base nas primeiras gramáticas do português, postulam que o quadro postônico não final apresentava, no século XVI, oposição entre as vogais médias (/e/ e /o/) e as altas (/i/ e /u/), como ocorre no contexto pretônico, mas não no postônico final.

Carvalho afirma que o inventário do sistema vocálico tônico e átono dessa época seria provavelmente idêntico ao do português do século XVIII. Ele baseou-se nos testemunhos dos gramáticos Fernão de Oliveira (1536) e João de Barros (1540), este em apenas alguns aspectos, para descrever o quadro vocálico do português quinhentista, e nos testemunhos de D. Luís Caetano de Lima (1736) e Luís António Verney (1746, *apud* CARVALHO, 1969) para descrever o quadro do século XVIII.

Fernão de Oliveira distinguiu oito vogais: “a grande” e “a pequeno”, “e grande” e “e pequeno”, “o grande” e “o pequeno”, “i” e “u”. A nomenclatura utilizada por ele para “e/o grandes” e “e/o pequenos” equivale à atual oposição entre “abertos” e “fechados”, respectivamente. O gramático não se referiu especificamente ao contexto postônico não final, mas, de qualquer forma,

para Carvalho, não é possível deduzir pelo trabalho de Fernão de Oliveira que [i] e [u] seriam as realizações dos grafemas <e> e <o> no século XVI, nem mesmo nas sílabas postônicas finais. Assim, Carvalho considera que, no século XVI, o vocalismo do português era semelhante ao apresentado por Luís Caetano de Lima para o século XVIII.

Quanto ao contexto postônico não final, Carvalho afirma que o /e/ era realizado fechado em palavras como *áspero* e *íngreme* ou naquelas que apresentassem hiato como em *códea*, *gávea*, *ceníleo*. Quanto ao /o/, diz que tal vogal era fechada em palavras como *árvore* e *âncora* e também nos hiatos *légoa*, *égoa*. Ele, inclusive, cita, em nota, o trecho da gramática de Caetano de Lima em que ele se refere à realização do /o/ fechado nas sílabas postônicas não finais: “Algumas vezes sucede ser fechada a vogal o média, porque é breve a tal sílaba, como em âncora, árvore, átomo, apóstolo, báculo, cómodo, gôndola, pérola, pólvora, rémora, tábola, tēporas, vésperas, símbolo, sínodo” (*apud* CARVALHO, 1969, p. 91).

As considerações sobre os hiatos com vogal média indicam que o processo de alteamento dessas vogais, em fases posteriores, pelo recorrente processo de desfazimento do hiato que se verifica no português, promoveu a mudança do padrão acentual de muitas palavras proparoxítonas, transformando-as em paroxítonas (lég[oa] > lég[wa], ég[oa] > ég[wa], gáv[ea] > gáv[ja]). Entretanto, para Carvalho, as afirmações de Caetano de Lima sobre as vogais médias em hiato no século XVIII não são completamente confiáveis, pois, dois séculos antes, /e/ e /o/, nesse contexto, já tinham uma articulação tão fechada que se confundiam com [i] e [u].

Quanto às proparoxítonas propriamente ditas, Carvalho acredita que a descrição de Lima é confiável: a realização seria efetivamente [e o] e não ainda [ə u] (vogais do português europeu atual). Para defender essa ideia, ele lembra que Caetano de Lima se refere, em sua gramática, aos erros dos portugueses na pronúncia das vogais médias postônicas finais do italiano, dizendo que eles pronunciavam [i u] ao invés de [e o], mas não faz nenhuma ressalva à pronúncia das médias postônicas não finais. Para Carvalho, tanto o erro, se existisse, quanto a advertência de Lima seriam de se esperar se os portugueses realizassem [ə u] nesse tipo de sílaba.

Com base em todos esses indícios, Carvalho reconstrói o quadro vocálico da “sílaba postônica penúltima dos proparoxítonos” dos séculos XVI-XVIII, lembrando que, com certeza, não era o único, mas, provavelmente, o mais generalizado: três séries de localização (anterior, central e posterior),

com dois elementos em cada uma das séries externas e um na central; dois graus de abertura (fechado /i u/ e aberto /E O/). O autor defende a realização de /A/ como [ɐ] (*bárbaro, âmago, côncavo*); a realização de /E/ como [e] (*áspero, íngreme, sófrego*); a de /O/ como [o] (*âncora, árvore, cômodo*); e a de /i u/ como [i u] (*pânico, ângulo, capítulo*).

Teyssier (1966) ateu-se à observação do vocalismo do século XVI, também com base em trabalhos de Fernão de Oliveira e João de Barros, mas dando maior enfoque a Barros. Como já foi dito, também para Teyssier, o quadro postônico não final é semelhante ao pretônico, opondo-se *e* e *o* pequenos a *i* e *u*. O vocalismo postônico não final para ele se constituiria por A (central), pelas anteriores /E i/ e pelas posteriores /O u/.

Teyssier observa, ainda, que não se pode afirmar, com precisão, o ponto de articulação do *e* pequeno, que poderia ser desde um [e] muito breve até uma vogal semelhante ao [ɛ] moderno (mais recuado), usado em Portugal.

O trabalho de Teyssier faz referência a um possível par mínimo que existiria, nessa posição, no século XVI, entre /e/ e /i/. Primeiramente, observa que João de Barros estabelece distinção entre *e* pequeno e *i*, opondo os grupos de proparoxítonas com *i* (*médico, próximo, exército*) aos com *e* pequeno (*óspede, próspero, gênero*). Este gramático diz que as duas séries não se confundem, já que nunca se encontra **próximo*, ou o inverso, **óspide*. Assim, segundo Teyssier, a distinção entre *e* pequeno e *i* permite teoricamente constituir pares do tipo *curtíssemos* (do verbo *curtir*)/*curtíssimos* (superlativo de *curto* no masculino plural).

Naro (1973) observa as vogais médias no período anterior ao século XVI, antes, portanto, da expansão colonialista de Portugal, e no século XVI, quando o português foi implantado no Brasil. Segundo ele, antes do século XVI /e o/ postônicos apresentavam um ligeiro alçamento diante de pausa – [ɛ ɔ] – que não chegava a configurar vogais altas como [i u]. Afirma, também, que esse alçamento resulta da redução da energia articulatória depois do acento final de um grupo de força.

Ancorado nos preceitos gerativistas, Naro elaborou regras para explicar as diferenças fonéticas na realização dessas vogais em três áreas distintas onde o português foi falado como língua nativa. Como exemplo do cuidado que se deve ter com observações impressionistas sobre fontes históricas, cita o caso de algumas peças modernas espanholas e argentinas que, para marcar o [ɔ] galego, inexistente no espanhol, utilizam o grafema <u>. Dessa forma, ao usar tais peças como fonte, um pesquisador pouco atento poderia chegar à conclusão errônea de que a vogal galega era um [u], quando, na verdade, se

tratava de um [o] ligeiramente mais fechado. Outro ponto importante levantado por Naro sobre as vogais médias átonas é que, para a média posterior se tornar perceptualmente indistinguível da alta posterior, é necessário um grau de levantamento menor do que o necessário para fazer a média anterior tornar-se indistinguível da alta anterior. Isso porque, como se sabe, a cavidade bucal é verticalmente mais curta no espaço posterior do que no anterior. Prova factual disso é que os teatrólogos espanhóis grafavam frequentemente o [o] galego com <u>, mas não grafavam o [e] galego com <i>: diante da vogal desconhecida, os espanhóis associavam [o] a [u], mas não [e] a [i].

Essa realidade fonética talvez ajude a explicar a assimetria no processo de neutralização das médias postônicas não finais que ocorre até os dias de hoje. É possível levantar a hipótese de que, nessa fase, o alteamento, que se aplicaria tanto no âmbito da vogal anterior quanto no da posterior, no caso da primeira, resultaria num fone intermediário entre [e] e [i], concretização levemente alteada que não seria reconhecida pelos falantes como um fone diferente, como um [i], a exemplo do que acontecia com os teatrólogos espanhóis.

A assimetria do processo de alteamento nas sílabas postônicas não finais também encontra respaldo nas regras formuladas por Naro para o fenômeno de deriva do português colonial. Para ele, após o século XVI, esse contexto apresenta, tanto no Brasil quanto em Portugal, alteamento para a vogal média posterior, o que configura o quadro de quatro elementos.

Segundo Naro, o processo de mudança em Portugal e no Brasil aconteceu com a implementação das seguintes regras (p. 51):

Portugal: 0' > 1 > 2 Brasil 0' > 1
(até 1820) (α') > 4 > 5 (α') > 4 > 5

O estágio 0' equivale ao estado da língua anterior à colonização, que apresentava, na sílaba postônica não final, a realização de /E/ e /O/ como [e] e [o]. A regra que, segundo Naro, implementou o alteamento total de /o/, no século XVI, foi a Regra 1 (p. 44):

$$(1) \left(\begin{array}{l} - \text{baixo} \\ + \text{retraído} \end{array} \right) \rightarrow [+ \text{alto}] / [+ \text{acentuado}] \dots _ \dots \# \#$$

(Leia-se: uma vogal média retraída torna-se alta, isto é, o torna-se u, postônico dentro da palavra.)

Naro afirma, quanto a essa regra, que a diferença fonética relativamente pequena entre [u] e [o] não chegaria a ser muito significativa, mas uma interpretação paralela, no caso de *e*, não seria natural devido à maior distância entre [i] e [e].

A regra 5 (p. 50), implementada até a segunda metade do século XVIII, em Portugal, e até 1938, aproximadamente, no Brasil, prevê o alteamento de /e/ nos limites inicial e final da palavra, mas não inclui o *e* pretônico não inicial (*venerador*), nem o *e* postônico não final (*número*):

$$(5) \left(\begin{array}{l} - \text{ retraído} \\ - \text{ baixo} \end{array} \right) \rightarrow [+ \text{ alto}] / / \# \# _$$

(Leia-se: uma vogal média não retraída torna-se alta, em início e fim de palavra.)

Sobre a manutenção do /e/ postônico não final, Naro alega que é crítico afirmar que haja alteamento em palavras como *número*, *célebre* e *tráfego*, da mesma forma que ocorre nas sílabas finais. O autor lembra que as Normas para a Língua Cantada, de 1938 (*apud* NARO, 1973), preveem a mudança *e* > *i* em sílabas finais e iniciais e também a mudança *o* > *u* para todas as postônicas, o que inclui as não finais, mas explicitamente mostram que *e* não final postônico é [e].

Ainda sobre as diferenças/semelhanças entre o Português do Brasil e o Europeu, cabe citar o trabalho sincrônico de Mateus; Andrade (2000), o qual prevê diferenças na concretização de /E/ nos dois continentes, embora assinala convergência na concretização de /O/. Os autores elencam as seguintes concretizações para as duas variedades:

Português Europeu **Português Brasileiro**

[u] pérola [péru:lɐ] [u] pérola [péru:lɐ]

[i] cérebro [sé:riβru] [e] cérebro [sé:reβru]

Os três trabalhos de cunho diacrônico acima comentados podem contribuir para melhor compreender o processo de alteamento que atinge as vogais médias postônicas não finais na atualidade. Todos demonstram haver, desde a época colonial, diferenças de altura entre as médias posterior e anterior postônicas não finais, em função dos aspectos articulatórios já comentados: a percepção do /o/ reduzido seria facilmente entendido como [u], enquanto a percepção de /e/ reduzido não seria associada a [i]. O trabalho de Naro

(1973), em especial, apresentou uma possível explicação para a assimetria da mudança nesse contexto. Para ele, a média anterior sofreria alteamento em sílabas iniciais e finais de palavras, mas não em sílabas postônicas não finais e não iniciais.

2 Evidências Sincrônicas

De certa forma, as constatações de Naro vão ao encontro do que propõe Bisol (2003). Segundo a autora, a situação assimétrica apontada por Câmara Jr não seria natural na realidade fonológica das línguas e tenderia a desfazer-se. Para ela, a variação em contexto postônico não final, também no âmbito de /e/, poderia ser tomada “como indicio de que se trata da mesma regra que atinge a átona final, cujo contexto estaria se ampliando, como se o sistema estivesse em busca da regularização” (p. 272). Apesar de postular a tendência em favor de três vogais, a autora ressalta que, nesse contexto, enquanto o alteamento de /o/ seria altamente produtivo, o processo de mudança de /e/ se processaria de forma mais lenta, em ambos os casos por conta das questões de natureza fisiológica já aventadas. Esta poderia ser, portanto, a causa da assimetria que vem perdurando ao longo do tempo.

Nos itens a seguir, focalizam-se as vogais médias, em particular, na fala carioca e, em seguida, no âmbito de outros dialetos em que essas vogais foram analisadas para que se possa testar a produtividade do alteamento e, conseqüentemente, melhor compreender a alegada assimetria que se verifica, no plano sincrônico, no contexto postônico não final.

2.1 Na fala carioca

2.1.1 Hipóteses

No início da pesquisa, embora se considerasse frequente o alteamento, tanto no caso de /o/ quanto no de /e/ na fala carioca, partiu-se da hipótese de que ele ocorreria em menor escala no âmbito da média anterior, o que refletiria, de certa forma, o quadro de Câmara Jr (1970). Considerava-se, naquele momento, que a implementação do alteamento no Rio de Janeiro fosse atualmente refreada apenas por restrições de ordem lexical, no que concerne a /e/, e estivesse em fase final de implementação, no que tange a /o/, indicando, assim, uma possível regularização das neutralizações no

contexto postônico não final, o que poderia ser indício do desfazimento do quadro assimétrico nesse contexto. Por outro lado, esperava-se que o processo fosse mais produtivo na variedade popular do que na culta e isso decorresse, principalmente, do caráter mais ou menos usual de determinados vocábulos, o que implicaria considerar, de forma indireta, o nível de escolaridade dos falantes. O cancelamento foi também observado – ainda que não seja o foco deste trabalho – pois se acreditava que, na fala popular, a queda da vogal estaria em concorrência com a manutenção e/ou alteamento, enquanto na fala culta os índices de síncope seriam pouco significativos.

2.1.2 Aspectos metodológicos

As entrevistas utilizadas nesta pesquisa foram selecionadas dos acervos dos projetos NURC-RJ (Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro) e PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), que têm em comum o fato de seus informantes terem sido selecionados segundo a metodologia sociolinguística e de constituírem importantes referências para os estudos linguísticos, uma vez que neles estão representadas as falas culta e popular do Rio de Janeiro.

O Projeto NURC-RJ tem como objeto a fala culta da capital do Rio de Janeiro: os informantes são cariocas, de nível superior completo de escolaridade e estão distribuídos por três faixas etárias: de 25 a 35 anos; de 36 a 55 anos e 56 anos ou mais. Para este trabalho, foram considerados do NURC-RJ 18 inquéritos gravados na década de 70. Foram levados em conta 09 informantes do sexo masculino e 09 do sexo feminino (03 homens e 03 mulheres de cada faixa etária).

O Projeto PEUL teve início em 1980. Os informantes dividem-se por três faixas etárias (de 15 a 25 anos, de 26 a 49 e acima de 50 anos), três níveis de escolaridade (1º e 2º ciclos do EF e Ensino Médio) e por sexo. Nesta pesquisa, analisaram-se 25 entrevistas, referentes a 12 informantes do sexo masculino e 13 do sexo feminino, distribuídos pelos três níveis de escolaridade e três faixas etárias.

No controle de dados desses *corpora*, utilizou-se o Programa Goldvarb-X, que auxilia a análise variacionista, para se verificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que atuam para o alteamento das vogais médias postônicas não finais. Controlaram-se as variáveis extralinguísticas sexo, faixa etária e nível de escolaridade. No plano linguístico, consideraram-se as variáveis: (i)

contexto antecedente; (ii) contexto subsequente; (iii) classe do vocábulo – substantivo comum (*pérola*) ou próprio (*Teresópolis*), adjetivo (*célebre*) e verbo (*tivéssemos*) –; (iv) classificação lexical: termo usual (*número*), termo pouco usual (*víscera*), termo técnico (*polígono*), topônimo (*Teresópolis*) e antropônimo (*Mariângela*); (v) natureza da vogal da sílaba antecedente (a tônica); (vi) natureza da vogal da sílaba subsequente (a postônica final) e (vii) posição da vogal na palavra – na primeira raiz (*folégo*) ou fora dela (*centímetro*).

2.1.3 Resultados da análise

O conjunto das 43 entrevistas, referentes aos *corpora* PEUL e NURC, apresenta 440 ocorrências de proparoxítonas com vogal média postônica não final, 312 com vogal /o/ e 128 com /e/. A distribuição dos dados encontra-se no quadro 1.

Quadro 1 - Distribuição das 440 ocorrências de proparoxítonas com vogal média postônica não final por *corpus* sociolinguístico referente à fala carioca

<i>Corpus</i>	Anterior	Posterior
NURC	88	94
	Total: 182	
PEUL	40	218
	Total: 258	
Total geral: 440		

As proparoxítonas com /o/ são mais produtivas do que aquelas com /e/ em todos os *corpora*, em número tanto de lexemas quanto de ocorrências. Os resultados da análise desses *corpora* devem, portanto, ser relativizados, considerando-se que o número de ocorrências de vogal anterior corresponde a apenas 29,1% do total (440). Quanto à composição lexical das entrevistas, foram encontrados, no conjunto de dados, apenas 27 vocábulos com /e/ e 32 com /o/.

As vogais /e/ e /o/ foram controladas separadamente na análise multivariada, lembrando-se que o alteamento foi tomado como valor de aplicação.

(a) Variedade popular

De acordo com o que se esperava, na amostra PEUL, representativa da fala popular carioca, é categórico o alteamento, regra não aplicada somente em duas ocorrências do vocábulo *côm[o]do*. Além disso, verificou-se um valor significativo de cancelamento de /o/, encontrado em 23,4% dos dados, mas não no que se refere a /e/, já que a concretização deste fonema é categórica nas entrevistas do PEUL, à exceção de uma ocorrência do vocábulo *véspera*: [ÉvESpRĒ]. O percentual de apagamento de /o/ demonstra ser essa vogal mais sensível a reduções do que /e/, o que vai ao encontro do que aqui já se discutiu.

Quadro 2 - Índices da variação das vogais médias em contexto postônico não final na variedade popular carioca (*Corpus PEUL*)

Variedade popular (<i>Corpus PEUL</i>)						
Variante	Anterior			Posterior		
	Oco	Perc.	Exemplo	Oco	Perc.	Exemplo
Alta	39	97,5%	[¹ vɛʃpɪrɐ]	165	75,7%	[aw ¹ tonomʊ]
Média	0	0%		2	0,9%	[¹ komodʊʃ]
Cancelamento	1	2,5%	[¹ vɛʃpɪrɐ]	51	23,4%	[aw ¹ tomɐʃ]
Totais	40	100%		218	100%	

Sabe-se que os processos de cancelamento na sílaba postônica não final são produtivos em proparoxítonas e frequentemente estão relacionados a fatores fonéticos, entre eles a estrutura fonotática de palavras que permita a ressilabação (cf. GOMES, 2012). Desconsiderando-se esses casos e olhando-se a concretização efetiva da vogal postônica não final, pode-se dizer que, na fala popular da capital, predomina a elevação da vogal média, como demonstra o Quadro 3, em que não se computam os casos de cancelamento da vogal.

Quadro 3 - Índices referentes à concretização das vogais médias em contexto postônico não final na variedade popularcarioca (*Corpus* PEUL)

Variedade Popular (<i>Corpus</i> PEUL)	Anterior		Posterior	
	[i]	[e]	[u]	[o]
	39/39 100%	0/39 0%	165/167 99%	2/167 1%

Conclui-se, quanto aos dados do PEUL, que o sistema de três elementos vocálicos encontra-se plenamente implementado entre os falantes menos escolarizados da capital, o que, como se verificará, a seguir, contrasta com o que se observa na fala culta.

(b) Variedade culta

A observação de entrevistas do NURC demonstrou que a variedade culta é responsável pela representatividade das vogais médias na fala carioca, segundo dados expostos no Quadro 4¹. Verifica-se uma significativa diferença entre as falas *culta* e *popular*, não só quanto aos índices de alteamento, mas também quanto à questão do cancelamento, uma vez que a concretização da vogal é quase categórica: os índices de cancelamento são muito baixos, em torno de 1,1% e 6,4%, respectivamente, para as vogais /e/ e /o/.

Entre os casos de concretização, o alteamento mostrou-se frequente no âmbito de /o/, que apresentou um índice de 83,9% dos dados totais (90%, sem levar em conta o cancelamento), enquanto, no contexto anterior, a média [e] foi mais produtiva, com percentual de 77,3%.

¹ Do total de dados foi desconsiderado um caso de alteração da vogal posterior: *árv[e]res*.

Quadro 4 - Índices da variação das vogais médias em contexto postônico não final na variedade culta carioca (*Corpus* NURC)

Variedade culta (<i>Corpus</i> NURC)						
Variante	Vogal anterior			Vogal posterior		
	Oco	Perc.	Exemplo	Oco	Perc.	Exemplo
Alta	19	21,6%	[ˈvɛʃpɪrɐʃ]	78	83,9%	[aˈbɔbɔrɐ]
Média	68	77,3%	[ˈvɛɦɪbrɐʃ]	9	9,7%	[aˈbɔbɔrɐ]
Cancelamento	1	1,1%	[ˈvɛɦɪbrɐʃ]	6	6,4%	[aˈbɔbɔrɐ]
Totais	88	100%		93	100%	

A primeira análise dos dados de fala culta com o Programa Goldvarb-X demonstrou, pelos resultados encontrados, que todas as variáveis linguísticas indicam um forte condicionamento lexical. Tal condicionamento é inerente ao grupo de palavras estudadas, pois os contextos fonéticos controlados estão diretamente ligados à constituição fonotática e à produtividade dos vocábulos registrados no *corpus*. Por isso, quanto às características linguísticas, foi considerada, na rodada final, apenas a classificação dos termos segundo a sua usualidade. Apesar de terem sido feitas muitas tentativas de unir grupos de fatores fonéticos (por exemplo, segundo características articulatórias comuns) e morfológicos, é inegável o fato de que, no conjunto de dados estudados, a presença das variantes, é lexicalmente marcada.

Com o *corpus* NURC, só se conseguiu realizar uma análise multivariada de /e/. No âmbito da vogal /o/, o predomínio da variante alta – que só não ocorre em 9 dados – impediu a análise variável. Ainda no que se refere a /e/, também foi difícil a observação das 19 ocorrências divergentes da regra de manutenção.

Foi possível submeter à análise binomial as três seguintes variáveis: *gênero*, *faixa etária* e *classificação lexical*. Das três, o programa desconsiderou a *faixa etária*. Observando-se, no entanto, os índices relativos a essa variável, constata-se que a variação entre a vogal média e a alta é equilibrada entre os falantes das três faixas, estabelecendo-se um padrão de variação estável: faixa 1 – 18,8% de alteamento; faixa 2 – 21,9%; e faixa 3 – 23,1%, embora haja uma leve diminuição na passagem da faixa 3 (a dos indivíduos mais velhos) para a 1 (a dos mais jovens).

Mostraram-se, portanto, relevantes para o alteamento de /e/ as variáveis *gênero* e *classificação lexical* dos vocábulos, conforme se expõe no Quadro 5.

Quadro 5 - Fatores condicionadores do alteamento da vogal média anterior postônica não final na variedade culta carioca (*Corpus NURC*)

Variáveis	Fatores	Oco	Perc.	Peso Relativo
Gênero	Homem	5/46	10,9%	.33
	Mulher	14/41	34,1%	.68
Classificação Lexical	Usual	9/59	15,3%	.40
	Não usual (pouco usual ou técnico)	10/28	35,7%	.68
Signif: .040		Input: .18		

Os resultados devem ser relativizados, na medida em que a significância da rodada não é muito expressiva (.040) e também as porcentagens encontradas para o alteamento não são altas. Assim, num universo de 19 dados, os pesos relativos indicam que as mulheres são as principais responsáveis pelo alteamento da média anterior entre os falantes cultos (.68). Tal favorecimento, se comprovado, refletiria o resultado de muitos trabalhos que consideram a variável gênero e observam que, muitas vezes, as mulheres encabeçam processos de mudança que não sejam socialmente estigmatizados.

Quanto à variável *classificação lexical*, os resultados encontrados demonstram exatamente o contrário do que se esperava para o alteamento da vogal em termos considerados não usuais. O alteamento foi aplicado a 35,7% dos dados – peso relativo .68 –, enquanto entre os termos usuais o alteamento foi de apenas 15,3% – peso relativo .40.

O quadro vocálico postônico não final apresentou, nessa variedade, assimetria bastante expressiva no que toca ao comportamento das duas vogais. Por isso, pode-se dizer que a variedade culta se aproxima do quadro proposto por Câmara Jr para o contexto. No que toca à vogal anterior, embora [e] ainda seja a variante mais difundida entre os falantes cultos, a presença do alteamento, na casa dos 21%, demonstra que o sistema é receptivo à neutralização também no âmbito dessa vogal.

Confrontando-se os resultados de *fala culta* e *fala popular*, a variável que se mostra fundamental é a *escolaridade*, o que comprova uma das hipóteses iniciais, que previa que as vogais médias teriam maior representatividade no contexto da fala culta, embora não tenha sido comprovado o condicionamento lexical da usualidade. Entre os falantes não cultos, representantes de uma variedade em que pressões normativas têm menos força, a mudança parece estar em estágio mais avançado, implementando o alteamento em ambas as vogais médias, o que comprova tendência à regularização do quadro em três segmentos fonológicos, /i a u/, e à eliminação da assimetria.

No início da pesquisa, considerou-se a possibilidade de o uso das variantes médias pelos falantes cultos estar vinculado à maior presença de vocábulos não usuais na fala culta, o que confirmaria o condicionamento lexical. Essa hipótese só seria comprovada se (i) o *corpus* da variedade culta apresentasse um número bem maior de termos técnicos e pouco usuais do que o da variedade popular e (ii) tais termos não usuais apresentassem maiores índices de manutenção da média na variedade culta do que na popular. A primeira condição verifica-se, de certa forma, no conjunto dos dados encontrados, mas não a segunda.

Os dados demonstraram que os muitos casos de manutenção pelos falantes cultos ocorrem tanto nos termos não usuais quanto nos usuais. Cita-se, como exemplo, a palavra *número*, que teve 20 ocorrências de [e] (*núm[e]ro*), num total de 21. Por outro lado, vários termos considerados não usuais também apresentaram, com frequência, o alteamento da vogal: *indíg[i]na*, *óp[i]ra*, *Acróp[ɔ]le*, *metróp[ɔ]le*, *estudáss[i]mos*, *quiséss[i]mos*. O mesmo acontece na fala popular: em 14 ocorrências de termos não usuais, o alteamento de /e o/ foi praticamente categórico.

Conclui-se, portanto, que o aparente favorecimento da manutenção da média em termos não usuais está, na verdade, relacionado ao fato de tais termos serem mais produtivos na fala culta, em que o alteamento da média anterior é evitado em todos os tipos de palavras, tanto nas usuais quanto nas não usuais. Ao que parece, nos termos menos comuns, que são socialmente marcados, há uma maior percepção da diferença fônica entre [e] e [i] (*óp[e]ra* X *óp[i]ra*) do que nos termos comuns (*núm[e]ro* X *núm[i]ro*). Ou seja, embora as diferentes concretizações de /e/ sejam condicionadas pela escolaridade (fala culta X fala popular), no âmbito dos termos mais comuns, passam despercebidas.

2.2 Em outros dialetos

Poucos são os estudos, de que se tem conhecimento, sobre as vogais postônicas não finais. Neles estão representados dialetos do Sul do Brasil, o de Belo Horizonte, o de São José do Rio Preto e os de comunidades das regiões Norte e Noroeste do Estado do Rio de Janeiro, o que não permite traçar um quadro mais abrangente, no que toca ao Português do Brasil, sobre o comportamento das vogais médias e, conseqüentemente, aquilatar a assimetria que se verifica nesse contexto.

Vieira (2002, 2009), que focalizou as vogais médias átonas tanto em posição postônica final quanto não final, defende, em seu estudo de 2002, que a descrição do vocalismo elaborada por Câmara Jr para o dialeto carioca não se aplica aos dialetos do Sul e parte da hipótese de que o quadro vocálico átono do português é formado por cinco vogais, independentemente da posição da sílaba em relação ao acento. As diferenças entre essas posições seriam uma questão de frequência de uso.

A autora também considera que há contextos fonéticos em que /o/ pode não se neutralizar com /u/ (*cócoras, âncora*) e outros em que isso é possível (*abóbora, fósforo*). Da mesma forma, haveria contextos em que /e/ sofreria elevação (*número, prótese, cócegas*) e outros em que seria preservado (*véspera, cátedra, vértebra*), o que, segundo ela, parece indicar que o ambiente fonético determina a elevação ou não da vogal.

Ancorada nessas hipóteses, Vieira analisou os fatores linguísticos e extralinguísticos envolvidos na manutenção ou na elevação dessas vogais e chegou a resultados que sugerem que o contexto fonético estaria relacionado ao alteamento das vogais médias postônicas não finais. Seus resultados mostram que o contexto precedente é um dos grandes responsáveis pelo comportamento variável de /e/ e /o/: a consoante labial favorece a elevação de /o/, provavelmente por esses elementos compartilharem o traço de labialidade, e as fricativas s/z, o alteamento de /e/, ao passo que outras consoantes coronais ajudam a preservá-la como média.

Quanto ao fator geográfico, é importante destacar que o Estado do Paraná é onde mais se manteve a média posterior, com peso relativo para o alteamento de .39. O Rio Grande do Sul apresentou o maior índice de alteamento, com peso relativo de .63, e Santa Catarina manteve-se neutra nesse processo, apresentando peso relativo de .49.

Ribeiro (2007) aborda o tema no dialeto de Belo Horizonte, fazendo uma análise difusionista do alteamento com base no comportamento individual do falante. Embora realize um controle sociolinguístico dos dados que levanta para análise, parte da hipótese de que o comportamento do indivíduo é mais homogêneo que o da comunidade de fala e propõe um estudo baseado no léxico. A autora observa os itens proparoxítonos pontualmente, afirmando que “o caráter difusionista vem de realizações sempre alçadas como *abób[u]ra* ao lado das não alçadas, como *vésp[e]ra*, ambas cercadas por consoantes oclusivas bilabiais e a líquida vibrante” (p. 40).

Lembra, ainda, que aderir ao modelo da Difusão Lexical não significa negar que um ambiente fonético possa ser favorecedor da mudança linguística, pois esse contexto pode, em algum momento, atenuar “os empecilhos lexicais que a mudança enfrenta” (p. 48). Baseando-se em Oliveira (1991, 1992), declara, ainda, que os fenômenos que apresentam regularidade no presente, em algum momento, já apresentaram um condicionamento lexical, até que conseguiram alcançar toda a língua.

Em alguns itens lexicais, a realização da vogal postônica não final não apresentou variação e, por isso, tais dados foram retirados da contabilidade estatística. A autora lembra que os casos categóricos foram sempre de alteamento no que se refere a /o/ (*bússola, cômodo, Justinópolis, ídolo, semáforo, símbolos e síndromes*) e de manutenção com relação a /e/ (*adúltero, câmera, crisântemo, gênero, gênese, ópera, pálpebra, paralelepípedo, útero e vértebras*), o que mostra que o alteamento é mais produtivo no âmbito de /o/ e encontra maior resistência em relação a /e/. Também foram constatados casos de hipercorreção (como *frigorif[e]co*), de alteração (como *pól[u]ra*), bem como de síncope (como *corgo*).

Das variáveis por ela controladas na análise multivariada, as selecionadas como favoráveis ao alteamento de /e/ foram indivíduo, formalidade *versus* informalidade, velocidade de fala e item lexical. Já para o alteamento de /o/, foram apontadas como favoráveis indivíduo, item lexical e formalidade *versus* informalidade.

Ramos (2009) demonstra que, no falar de São José do Rio Preto, o quadro vocálico em posição postônica não final é de cinco vogais, tendo em vista que o alçamento das médias apresenta caráter variável. No entanto, ressalta que se observam indícios de mudança em progresso no que se refere à média posterior, que tende a concretizar-se como [u], havendo, portanto, evidências de que se implementaria nessa posição o quadro de quatro fonemas proposto por Câmara Jr.

No que se relaciona aos grupos de fatores que atuam para o alteamento das médias, mostraram-se mais relevantes as variáveis consoante precedente e consoante seguinte: consoantes com os traços [labial] e [dorsal] são as que mais favorecem o alçamento da vogal /o/, enquanto as de traço [coronal], bem como /s/ e/ou /z/, consideradas em separado, são as que mais concorrem para o alçamento de /e/, resultados semelhantes aos obtidos por Vieira (2002).

Quanto ao Estado do Rio de Janeiro, há, ainda, na perspectiva variacionista, dois trabalhos realizados por Brandão; De Paula e sete outros elaborados por De Paula. Dentre eles, cabe mencionar De Paula (2010), por apresentar resultados relativos à fala rural espontânea, esta representada pelas regiões Norte e Noroeste, com base no *Corpus* APERJ², bem como resultados concernentes a outras áreas do Estado, com base nos dados registrados no MicroAFERJ e no AFeBG³, estes últimos classificados como representativos de fala monitorada, tendo em vista terem sido obtidos com base na aplicação de questionário.

Na fala rural espontânea, verifica-se um significativo percentual de cancelamento (11,9% e 19,4%), respectivamente para /e/ e /o/, com o predomínio de alteamento (82,4% no que se refere a /e/ e 77,1%, no que toca a /o/). Deixando-se de considerar o cancelamento, os índices de alteamento sobem para 93,5%, no caso de /e/ e 95,5%, no de /o/.

Já na fala monitorada, o cancelamento apresentou índices bem mais expressivos (31% para a vogal anterior; 33%, para a posterior). Quanto aos índices de alteamento, verificou-se significativo decréscimo, tanto no caso de /e/ (9%), quanto no de /o/ (54%), o que demonstra que o processo pode estar também condicionado ao maior ou menor monitoramento discursivo.

² Trata-se das elocuições livres que compõem o corpus do Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro, que conta com informantes com até a 4ª série do nível fundamental, distribuídos por três faixas etárias.

³ O MicroAFERJ *MicroAtlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro* (ALMEIDA, 2008), que abarca 12 pontos de inquérito nas oito regiões do Estado e o AFeBG *Atlas Fonético do entorno da Baía de Guanabara* (LIMA, 2006), que recobre quatro pontos da região Metropolitana do Rio de Janeiro – foram realizados segundo critérios comuns (informantes distribuídos por sexo e três faixas etárias por ponto de inquérito e respostas obtidas com base em um mesmo questionário).

Considerações Finais

Os estudos que buscaram caracterizar o quadro vocálico do português em outras sincronias, a observação da fala culta e popular da capital do Rio de Janeiro, assim como de dialetos de outras regiões do Brasil demonstraram que as vogais médias /e/ e /o/ em contexto postônico não final apresentam comportamento divergente quanto à tendência ao alteamento. Ao longo do tempo, a vogal posterior se vem mostrando mais suscetível à mudança, enquanto a anterior tende a manter-se como média na maioria dos dialetos, ainda que também seja sensível ao alçamento. Assim, a depender da variedade, pode-se ter, em contexto postônico não final, um quadro fonológico simétrico – de cinco (/i e a o u/) ou três (/i a u/) vogais, ou um quadro assimétrico de quatro vogais (/i e a u/), como o que se verifica na variedade culta carioca e o que é apresentado por Ramos (2009) como possível resultado de um processo de mudança.

Tal instabilidade fica patente quando se considera a diversificada gama de variáveis que pode atuar quer para a manutenção quer para o alteamento de cada vogal: mostram-se relevantes motivações fonéticas, estilísticas, diatópicas, sociais e lexicais, estas últimas merecendo ser mais bem investigadas.

A pesquisa sociolinguística desenvolvida na seção 2.1 demonstrou ser o nível de escolaridade a variável mais saliente para a compreensão do que ocorre na fala carioca: enquanto, na variedade culta, mantém-se o quadro assimétrico descrito por Câmara Jr, na variedade popular, parece já se ter instaurado o quadro simétrico de três vogais. Não se pode esquecer, no entanto, que o percentual de 21% de alteamento de /e/ obtido na análise da variedade culta aliado à redução verificada na variedade popular sugere, como afirma Bisol (2003), ser o registro terciário o preferencial para o contexto postônico, seja o final, seja o não final.

Cabe, por fim, lembrar que as características do vocalismo postônico não final que se verificam semelhantemente em diversos estágios do português são exemplo do *princípio do uniformitarismo*, postulado por Labov (1972) e que prevê a atuação dos mesmos processos de variação e mudança em diferentes momentos da história de uma língua.

Referências

- ALMEIDA, F. S. C. *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro: uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses*. 2008. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008. 2v.
- BARROS, J. *Grammatica da língua portuguesa*. Olyssipone: Lodouicum Rotorigiu, 1540. Disponível em: <<http://purl.pt/index/geral/aut/PT/12867.html>>. Acesso em: 15 dez. 2011.
- BISOL, L. A neutralização das átonas. *D.E.L.T.A.*, v. 19, n. 2, p. 267-276, 2003.
- BRANDÃO, S. F.; DE PAULA, A. O comportamento das vogais médias postônicas não finais na fala fluminense. In: HORA, D. (Org.) *Vogais: no ponto mais oriental das Américas*. João Pessoa: Ideia, 2009. f. 195-204.
- CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CARVALHO, J. H. Nota sobre o vocalismo antigo português: valor dos grafemas *e* e *o* em sílaba átona. In: CARVALHO, J. H. *Estudos Lingüísticos*. Coimbra: Atlântica, 1969. v. 2. p. 75-103.
- DE PAULA, A. *Vogais médias postônicas na fala do Estado do Rio de Janeiro*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) –Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2010.
- GOMES, D. K. *Síncope em proparoxítonas: um estudo contrastivo entre o português brasileiro e o português europeu*. 2012. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2012.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.
- LIMA, L. C. *Orthographia da lingua portugueza*. Lisboa: Occidental, Off. Antonio Isidoro, 1736.
- LIMA, Luciana G. *Atlas Fonético do entorno da Baía de Guanabara-AFeBG*. 2006. 2.v. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras/ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MATEUS, M. H. M.; ANDRADE, E. *The phonology of portuguese*. Oxford: University Press, 2000.

NARO, A. J. História do e e do o em português: um estudo de deriva linguística. In: NARO, A. J. *Estudos diacrônicos*. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 9-51.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

OLIVEIRA, F. *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Lisboa: Germam Galharde, 1536. Disponível em: <<http://purl.pt/120>>. Acesso em: 10 dez. 2011.

OLIVEIRA, M. A. The neogrammarian controversy revisited. *International Journal of the Sociology of Language*, Berlin, v. 89, p. 93-105, 1991.

OLIVEIRA, M. A. Aspectos da difusão lexical. *Revista de Estudos da Língua*, Belo Horizonte, a. 1, n. 1, p. 31-81, 1992.

RAMOS, A. P. *Descrição das vogais postônicas não-finais na variedade do noroeste paulista*. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto. 2009.

RIBEIRO, D. F. S. *Alçamento de vogais postônicas não finais no português de Belo Horizonte – Minas Gerais: uma abordagem difusionista*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2007.

TEYSSIER, P. La prononciation des voyelles portugaises au XVIe. siècle d'après le système orthographique de João de Barros. In: CONVEGNO ITALIANO DI STUDI FILOLOGICI E STORICI PORTOGUESI E BRASILIANI, 2., 1965, Napoli. *Atti del Secondo Convegno Italiano di Studi Filologici e Storici Portoguesi e Brasiliani*. Napoli: Instituto Universitario Orientale, 1966. p. 127-198.

VIEIRA, M. J. B. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Orgs.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 127-159.

VIEIRA, M. J. B. As vogais médias átonas nas três capitais do sul do País. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Orgs.) *Português do sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 50-72.